

ANNO 1

SABBADO 21 DE MARÇO DE 1868

N. 12



**ALFAZAR**

**ALFUMIN**

**FOLHA**

**JOCO-SERIA-ILLUSTRADA**

**PUBLICA**

REVISTAS. CARICATURAS. RETRATOS. MODAS.  
VISTAS. MUZICAS. ETC. ETC.

**ASSIGNA-SE**

**RUA DO OUVIDOR**

**59**

**SOBRADO**

**PREÇOS.**

CORTES		PROVINCIAS	
Um mez . . . . .	28000	Semestre . . . . .	112000
Trimestre . . . . .	52000	Anno . . . . .	212000
Semestre . . . . .	102000	Avulso . . . . .	500
Anno . . . . .	202000		

O PAGAMENTO E SEMPRE ADIANTADO

*S.M.L.*

## FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

## AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHE

por Amédée Achard.

## Primeira parte

(Continuação.)

Agora, a caminho! gritou Carquefou.

Adriana ergueu-se muito comprorida, apoiou-se no braço de Armando e fechou os olhos para atravessar a sala sem ver os dois rios de sangue que n'ella corria.

Cinco cavallos estavam ensilhados proximos á janella. Peters ao lado d'elles. N'um pateo contiguo ouvia-se um ruido confuso de vozes e de imprecações.

— São os bandidos que tentão arrombar a porta! murmurou Peters.

— Tua mãe, meu amigo! disse Carquefou estendendo-lho a sua. E agora, a galope!

— Deus os proteja! exclamou o pobre Peters.

E n'um turbilhão do pó sumido-se os cinco cavallos.

Depois de atravessarem, sem resfrego, cinco ou seis leguas, por conselho do proprio Carquefou demorou o passo.

— Não pensem por isso que estou muito tranquillo, disse-elle; é preciso deixar nossos cavallos respirarem um pouco á vontade. Ah, se me metterem n'outra igual, adeoço de rípeda.

E tirando o chapéo da cabeça começou a abanar-se com elle.

— Ora agora, conte-nos como te arranja-te para livrar-nos dos muitos perigos que nos ameaçavam e arranjar-nos tão bons rossins? perguntou Reinaldo.

— Que campanha, Sr. Marquez! Hade de estar lembrado que fui com Domingos comprar duas espadas em casa do armeiro.

— Sim.

— Compradas ellas, dirigimo-nos á casa de um boticario. Ahi lancei sobre o balcão uma moeda de ouro e fiz brilhar n'ua lamina de aço as duas pollegadas do nariz do dono da casa. Elle deixou-se convencer pelo duplo argumento e entregou-me o narcotico que pedi: em dois pulos regressi á estalagem, os bandidos estavam como sempre bebendo. Lembra-se de ter visto lá

um pobre coitado que era muito maltratado por D. Gaspar, e a quem D. Matheus dava mais pontapés do que esmolas?

— Peters?

— Elle mesmo. Como já disse, era um moço sobre quem sempre contei. Fui ao seu encontro e pedi-lhe que nos livrasse primeiro do estalajadeiro, figurinha com que embrirei desde o principio, e que me parecia andar nas pégoas do D. Gaspar como um menino de côro anda nas do capellão.

— És um heróe, amigo Carquefou, e sê-o-has ainda que o não queiras.

— Talvez! Mas se os heróes são assim estão arranjados. Eu tromia como uma criança, quando ouvia falar em duendes. O bom Peters aceitou minha commissão e, para realisar-a logo, foi dizer ao estalajadeiro que D. Gaspar estava pedindo duas garrafas do certo vinho d'Alicante, que era guardado n'uma adega especial.

O estalajadeiro correu á adega.

Peters acompanhou-o até o alçapão, que fechou cuidadosamente, doizando o velho complice de D. Gaspar alguns palmos abaixo da terra.

— Bonf pregada peça! bradou Reinaldo.

Carquefou proseguia:

— Feito isto, Peters veio ter comigo. Estava eu junto dos taes mariolas; apresentei-lhas as duas espadas; abraçámo-me, e, para festejar minha boa estrella, offereci-lhes dous púcaros do vinho, em que tinha posto em infusão o narcotico, e que Peters trouxe com um ar muito ingenuo. Bobagem como esponjas! Instantes depois, dormião uns, outros cambaleavam. Damos então ás de villa Diego, tendo o cuidado de fechar bem a porta.

— E Domingos?

— Enquanto isto se passava, Domingos, guiado pelo mesmo Peters, se dirigira á estreberia, onde escolhera o anilhão os melhores cavallos. Domingos é um homem de muita ordem! Para não ser incommodado durante o trabalho, esganara com toda a limpeza um soldado que rondava a poucos passos.

— Ia tudo ás mil maravilhas!

— Nem por isso. Alguns dos sujeitinhos, que tinhamos deixado tranquilos como mumias, não beberão tanto quanto eu desejava, por isso despertarão-se e zangará-se.

(Continua na pagina 135)



**Les dames de la Halle**

Mme. Madou : — Si je n'étais pas une femme comme il faut... je vous fêlerais mon poing sur la gaité !  
 Mme. Beurcanda : — Eh, bien ! Venez y donc, j'ai pas peur de vous !...

## A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 21 de Março de 1868.

Não faltão notícias.

Depois da passagem dos monitores diante de *Curupaity*, tivemos a tomada do *Estabelecimento* e de *Laureles* a passagem do *Humaytá*, a ida dos encouraçados até *Assumpção* e a derrota dos inimigos que tentarão abordar os encouraçados; tudo isto no espaço de treze dias, de 19 de Fevereiro a 2 de Março!

E ainda ha politicos de esquina, lobos paraguayos disfarçados com pelles de ovelhas brasileiras, que 'apregando terra marique', que as armas nacionaes perdem um tempo precioso, sacrificio contos de vidas, o malbarato os dinheiros publicos, conservando inactivos seus imensos recursos, e propoicionando ao nosso paraguay mil enjeos de se cobrir de gloria!

Heróe!

Heróe por que?

Porque tem coragem de occultar-se na hora do perigo atraz dos altissimos paredões do Passo Porá?

Porque tem a coragem de mandar seus valentes soldados commetterem imprudentes aggressões, em que tem a certeza que só podem sair vencidos, talados pela cavallaria, esmagados pela metralha?

Porque tem a coragem de sacrificar batalhões inteiros só para não continuar a ser incommodado por uma peça de 38 que do *Tatyty* arremessava projectis nas immediações de sua casa do campo?

Porque tem a coragem de ordenar que um punhado de homens vá em canoas abordar um monitor?

Porque, depois de ver quão louca foi a primeira tentativa, tem ainda a coragem de mandar outras canoas darem abordagem á esquadra encouraçada?

Porque tem a coragem de mandar fusillar seus melhores generaes para lançar sobre elles a responsabilidade de seus erros?

Porque tem a coragem de mandar passar pelas armas o commandante de Humaytá para fazer crer que trahio sua patria, e d'estarte marcar a brilha da nossa victoria?

Porque tem, finalmente, a coragem de antipillar um povo inteiro, de reduzir á miseria uma nação, exaustos pelos muitos sacrificios, e tão digna de melhor sorte?

Se Lopes é um heróe, que são esses chefes brasileiros que abandonarão suas familias, seus interesses, tudo! para correrem ao campo da guerra, onde sempre se mostrarão nos lugares de maior perigo, nos lugares em que a morte ceifa milhares de vida?

Se Lopes é um heróe, que são Caxias, Herval, Triunphi e tantos outros?

O que acontece no Paraguay é o *sic vos non videtis* do poeta mantuanos.

Os soldados de Lopez regão e fertilisão com seu sangue o campo da batalha; entretanto quem faz a colheita de gloria — é elle e só elle!

Passando hontem os olhos por um *Charivari* do anno passado, deparei com um artigo, intitulado — *Torre de Babel*, no qual se descreveo um baile *Mabille* no tempo da exposição universal.

O autor proeuvou mostrar que Paris estava por tal fórma lugada de estrangeiros de todos as procedencias, que os naturaes da velha Lotecia não podião pôr pé em ramo verde.

As casas mais luxuosas e commodas, os artefactos mais perfeitos, os melhores cavallos, o até o sorriso das bellas, tudo era para o estrangeiro!

Como prova, apresenta, entre outras, os dialogos que ouvio no *Mabille*.

Um parisiense anda á cata de um par da valsa; dirige-se a todas as suas conhecidas; esta vai dançar com um chinês, est'outra com um arabe, aquell'outra com um brasileiro. Os exóticos *partners* fallão só o seu idioma nacional; mas as *biches* parisienses comprehendem qualquer lingua, quando ella é fallada por quem tem dinheiro na carreira.

O que elles o ellas dizião fez-me rir a valer. E para que o leitor faça ideia do como os jornalistas de lá enchem as columnas da imprensa diaria, transcrevem o dialogo do brasileiro com a parisiense:

ELLA: Saíamos d'aqui; ah! vem alguém que me persegue ha oito dias com declarações amorosas.

ELLE: *Caraka!*

ELLA: Recoa uma briga, porque sei que és feroz como um tigre!

ELLE: *Santa-Catharina! Preto Ouro!* (vociferou o brasileiro.)

ELLA: Tem paciência! Bem sabes que és meu unico amôr.

ELLA: *Assoura tortillas!*

Compreenderão os leitores! Pois está e que é a lingua que falão nossos patricios, segundo o tal escriptor francez.

..

Em dias d'esta semana esteve exposto na Praça do Commercio um bellissimo quadro a óleo do Sr. Tomasini, representando a passagem do monitor — Alagoas — sob as baterias de Homayti.

E' um trabalho de mestre.

Na proxima semana fallaremos mais de espaço sobre elle.

..

Escrevem-nos de S. Paulo, com data de 12 do corrente:

« A companhia do *Gymnasio* não correspondeu á expectativa publica.

« Repetidas transferencias, pessoal numerozo, pouca desigual, agiotagem na venda dos bilhetes, má distribuição de papeis, scenarios improprios tudo correspondeu para arrefecer o enthusiasmo dos frequentadores do theatro.

« A arte dramatica entre nós caminha a passos largos... como os cavallinhos no circo do Leonde.

« Sempre á roda de um ferreo circulo de falsas influencias, gestos impossiveis, trajes anachronicos, o minuciosos do teatro, correm os artistas, afadiga-se... sem fazer o menor progresso.

« Ismenia tem sido applaudida por meia duzia de estudantes de sangue na guerra. Adobido agrada sempre, apesar da posição secundaria a que foi reduzida pela valldia d'el rei. Fortado Coelho ainda é o mesmo d'out'ora; um brilhante bruto! Sobra-lhe em talento o que lhe falta em escola.

« Martins é o typo do verdadeiro artista comico, é a personificação da graça; Guilherme promete muito.

« Os outros, que vierão, homens mulhières, todos passados por um cadinho não dão saeco para um artista.

« A *Familia Benetton* agradou como comedia. Sua execução porém mereceu graves censuras, meno: no que diz respeito ás *toilettes de ces dames*. Que luxo

« Escrevo esta a vapor. Mais de espaço communicarei á *Vida Fluminense* o que houver digno de nota. »

### D. Josepha.

Quem não conhece D. Josepha!

Pelo nome, devem todos conhecer que é um ente, não sobrehumano, mas pertencente ao sexo feminino, que tem dous olhos, dous orelhas, um nariz e uma bocca, mais ou menos semelhante a muitas outras, que ha por ahi, e que bem podia ter outro nome, se, desde o tempo de Adão, não estivesse a humanidade acostumada a chamar—bocca,—o que, ás avessas, será um cabo.

D. Josepha é uma das mulhières privilegiadas da nossa boa e simplicia sociedade fluminense. Acostumada desde muito juvenzinha a ser tratada com alguma predilecção por todas as senhoras casadas, porisso que era filha de uma velha parteira, de arruda atraz da orelha, e de lenço amarrado á cabeça, ninguém ainda hoje a encontrou nas ruas do Rio de Janeiro sem dizer-lhe alguma graça ou pedir-lhe uma resposta chistosa e adequada para os epigrammas, que os galãos, os satyricos e os que não são misantropos, lhe atrião de passagem.

D. Josepha, apesar de contar 78 annos, não usa oculos, come com todos os dentes que lhe ficirão, dorme quando tem somno, acorda abrindo os olhos, cospe, toma tabaco, esgravata os cabellos com as unhas da mão esquerda para apanhar uma ou outra caspozinha e... vive, porque ainda não morreu:

Essa interessante menina (porque nunca tomou estado e é esta palavra a unica tradução para o franceza—*mademoiselle*); teve muitos apaixonados, que lhe dedicão:

*Alma, vida e coração.*

Ria-se de todos esses bobos, porque assim devem ser chamados os preciosos ridiculos, que procurão namorados em cada esquina ou nos portões das chácaras aos domingos. Era uma Spartana em questões de amor. Dizem as más linguas, que teve sempre uma grande aversão ao lixto, que Baffon alcançou—homem. Coitada! Natuarezas especiais e refractarias, desconhecem o doce sabor desse favo de mel, a que se atrião os que não são pécicos!

D. Josepha mora em uma das melhores casas da nossa capital, e veste-se com a elegancia de uma *pierrre*, sem nunca ter pertencido á muito alta e muito poderosa classe das amoladoras dos frequentadores do templo do Gnilo.

Mas é preciso cutiar no assumpto desta pequena biographia.



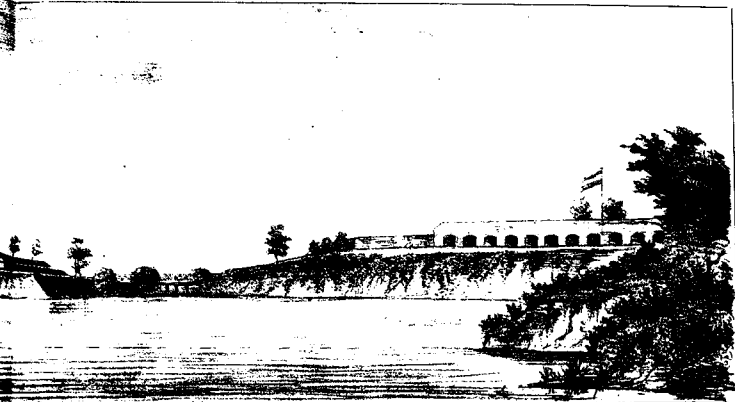
Igreja.

Túnel, corrente e cheta que a sustem.

Vista de uma parte das baterias, fortificações e armazens de Hornayá, tomada



Vista das barancas e fortificações



Casamata de Londres.

...a de bordo do encouraçado *Lima Barros*, no dia 5 de Setembro de 1867.



...de Curupeity, tomada de bordo do vapor *Príncipe*.

Houve um dia, de 24 horas que teve também noite, no qual entender D. Joseph, que devia dar motivo para as palestras do Rio de Janeiro.

Sentou-se a uma mesa de trabalho e escreveu o seguinte :

« Amigo Redactor da *Vida Fluminense*. — Sei que precisas de um artigo para sua folha. Conheço essas necessidades. Ahí vai este o conteúdo so por esta semana. — Sua leitora e admiradora, D. Joseph. »

## THEATROLOGIA.

### CHRONICA MUSICAL

#### El-dorado

*Le Mari à la porte.*

A França inventou a opera-comica. Offenbach criou a opera-farça. São innovações felizes, que contão hoje um grande numero de admiradores no mundo musical.

A razão explica-se: a arte marchando sempre no mesmo terreno tornava-se monotona; e o progresso crescente dos povos não pôde mais supportar a monotonia em materia artistica.

A variedade (especialmente a variedade de estilo) tem sido e é exigida a tal ponto no seculo actual que, se espiritos audezes e vigorosos não invocassem em auxilio de suas obras essa lei, que por toda a parte se revela na natureza, o publico, por melhor musica que lhe dessem nos theatros, tel-os-hia de ha muito abandonados.

Cimarosa, Spontini, Weber e outros mestres, verdadeiros ídolos do seu tempo, ainda hoje são reputados os semi-deuses da musica, não ha negal-o; mas é tal a sublimidade de suas obras que nem todas as plateas estão ao alcance dellas, e escasseão artistas, que possam satisfactoriamente interpretal-as.

Torna-se pois necessaria uma revolução.

Foi Rossini o primeiro, que se empenhou na luta.

O exito do grande compositor servio de poderoso incentivo aos imitadores, que se não fizeram esperar.

Entretanto a grande opera, apesar da transformação operada pelo celebre Rossini ainda não bastava.

A aristocracia e a parte illustrada do publico estava satisfeita; mas o povo exigia mais. Quería musica para si, musica que lhe alegrasse a alma, que lhe fizesse esquecer durante a noite as horas penosas do dia.

Foi então que a França inaugurou a opera-comica, invenção destinada a conquistar desde logo as sympathias de todas as camadas da sociedade.

Muita gente boa diz que as composições de Offenbach são verdadeiras operas-comicas. Contesto e julgo não errar classificand-as de operas farças.

Toda a musica deve conter uma verdade: dizem os grandes criticos; onde está a verdade nas *partituras* de Offenbach?

Si o leitor já sentio grandes commoções ao ouvir o « Orpheus » ou a « Bella Helena », felicito-o.

Pela minha parte acho aquillo bonito, original, e nada mais.

Contudo ha *operettas* n'um acto do maestro *à la mode*, que encerrão bellezas incontestaveis de instrumentação: o certa originalidade do motivos de que só é capaz uma imaginação viva e brilhante.

Colloco á frente dellas o « *Mari à la porte* » onde, a par de trechos notaveis pela instrumentação a felizes na concepção, superabundão os ditos espirituosos de uma comedia fine.

Não é facil descrever a maneira porque esta *operetta* foi cantada no theatro da rua d'Ajuda. Tratando-se do de uma *partitura* difficil pela *tessitura* dos cantos e pela velocidade de alguns *andamentos*, receei no principio que nem todos os artistas podessem dar conta do recado. Vê-se porem que á força d'estudo conseguirão uma das cousas mais difficis da arte; a perfeita entenção nos trechos *d'ensemble*.

Mme Dauran conta os seus triumphos pelas noites em que canta: e triumphos merecidos são elles, que de ha muito não ouvia eu voz tão sympathica e fresca.

A valsa (que segue apoz o primeiro *duo*), trecho difficilissimo, se attendermos á vocificação, sempre entremeadá de *forituri* e trillos diabolicos, e á *tessitura*, que é um verdadeiro trapezio de saltos ariscados, foi cantada com tanta graça e maestria que até aquelle symphatico velhinho que toca *violoncello* na orchestra exclamou: — bonito!

O publico... esse paga largamente á artista os momentos do enthusiasmo, que lhe deve, prodigalizando-lha applausos freneticos e flores em profusão.

A continuarem assim as cousas nem eu sei se Mme Dauran voltará ao seu paiz com fortuna sufficiente para pagar os direitos de importação das flores que levar do Brazil.

Triolier é um comico excelepto e um maganão do bom gosto. Na parodia de *Antony* de Alexandre Dumas é inextinguivel.

Arséne contribui poderosamente para o exito da operetta, e...

Disse.

## Um passeio ao Jardim

PELO

Dr. MOÇO BONITO

(Continuação)

IX

Erão horas do jantar. A campêa souu pela segunda vez. Ambrosio levantou-se do divan abrindo uma braceira capaz de engolir o diabo, o moloque, a negrinha e toda a geração do Dr. Semana! Espreguiçou-se todo e dirigiu-se para a sala de jantar, onde só esperavam por elle. Espera-se sempre pela peor figura e foi assim. O velho empertigou-se todo e lá foi caminhar da sala de jantar.

Opáparas ignórrias aformentecavam a mesa e via-se ao lado do leitão assado com seu raminho de salsa na boca, o classico però rechelado de *farofa* (como muito gente boa, um pato collado todo coberto de arroz de forno, meia dúzia de enopados e guizados, uma pernada de carneiro, gallinha de molho pardo e costeletas de vitella á milaneza.... Tudo isto excitou o appetite calinário do Sr. Ambrosio, que em um relancear de olhos, passou em revista esse luzido *regimento*, deixando ver a pontinha vermelha da lingua, que lambia sequeiras as extremidades dos labios. Um sorriso de satisfação pairou-lhe então, esfregou as mãos de contente e sentou-se no lugar que lhe tinham reservado, á cabeceira da meza. Dentro em pouco, depois do servida a sopa, começaram as maxillas no exercicio das suas importantes funcções. Nada mais imponente que esse silencio primitivo do jantar, só perturbado pelo tinar das colheres e pelo *sour*, ter monotone da sopa, que alguns sorvem com tal força e avidade que causa náuseas....

Deixemos agora os nossos heróes embolados n'esses prazeres da meza, que se traduzem tão claramente em todas essas phisionomias ardentes. Tudo come!

Deixemos mesmo por momentos esse cochichar dos namorados, essas olhadellas tão curtas, tão vivas e tão profundas!

E de que valem os olhos d'essas meninas?! Deixal-as....

Os meus? Esses sim! que são mais limpos, mais vivos e mais mimosos e fallão sempre do amor!

Transporte-se o leitor ao Canteiro em essa de magestas apparencia e da qual salta como por encanto um ligeiro *phœton*, puxado por chibante cavallo branco, parendo, mas muito longe do estalido rosinante tão decantado por Cervantes. Um homem alto e magro, com o rosto encoberto por basta e longa barba preta, guia o animal, que obedece com *gaillardia* ao governo. O commendador, esse personagem da qual tratamos, leva a seu lado um elegante rapaz, moço, esbulto,

interessante e diplomata estrangeiro. Alberto é o seu nome.

Quando o *phœton* atravessou a porta e encaminhou a se para Botafogo, 5 cabeças enfiarão-se pelas janellas da casa e 5 vozes unanimes saudarão a saluda do commendador.

A amabilidade d'este respondeu ao cumprimento dos outros e dentro em pouco desapareceu aquelle trem elegante. Dez minutos depois um *vis-à-vis*, como dizem os cocheiros, parou á porta d'essa mesma casa e cinco rapazes occuparão logo.

O Dr. Moço Bonito, depois de muita cerimonia, entrou e sentou-se no fundo, por exigencia dos outros, tendo a seu lado Amaro Marques, homem dos seus 38 annos e ratão como seiscentos!

Fronteiro a este ficou João Braz, esperto, alegre e de phisionomia morlaza! A sua pera e bigalo, fuma e merre por fazer a côta ás moças! Dansa como ninguém, faz cartopios diabolicos e é meigue-no X! Gomes, do qual já demos noticia, preocupado e inquieto, occupa o ultimo lugar.

Saúge hespanhol engurgitá-lho as veias e por shi faça o leitor ideia do quanto vale o rapaz!

Juncto ao cocheiro sentou-se de commun accordo, Ajax, moço de seus 20 annos quando muito.

O Dr. Moço Bonito.... é rapaz alto e elegante, usa *pince-nez*, penta-se á artista, falla pouco mas... diz muito! N'essa tarde estava triste, aborrecido ou contrariado; preocupava-lhe uma idea fixa e accedera á viagem como meio de desafogar-se e respirar mais livre. Essa serialada excitou mais de um dito espirituoso dos rapazes, que estavam com o diabo no corpo!

O carro moveu-se rapido e a fumagea de tras charutos elevou-se em espiraes pelo ar. Charutos bem *quebrá-queixos*, bem *sabuqueiros* á que mais excitavam o tolido de nosso Dr! O commendador ia longo e levava sobre o carro differença bem sensivel, tanto assim, que durante toda a viagem não lho foi vista a sombra.

Quando o carro chegou ao jardim e parou á porta do *Hotel de Italia*, já lá estavam o diplomata e o commendador, os quizes, de anzol e canço em punho, pescavam no riocho do quintal. Um *burrah* do prazer saudou os illustres campeões.

E n'esse mesmo instante um *coupé*, puxado por dois cavallos pretos, passou rapidamente pela porta do hotel.

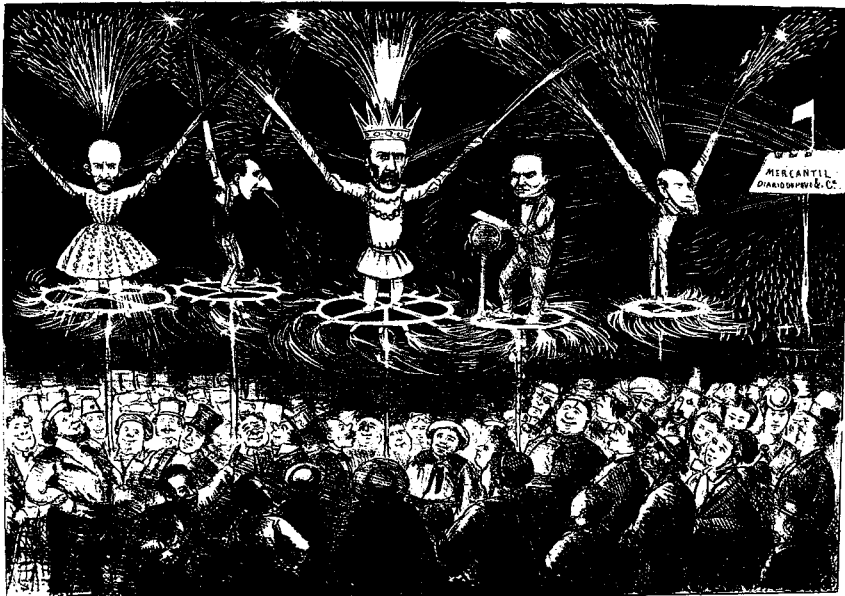
Uma cabeça de mulher esgueirou-se pela portinhola e um toque e um tempo do rodão participarão tambem da entusiasmada de sua dona.

O *coupé* sumiu-se e essa mulher, essa andalusa, fugiu aos olhos de todos.

Meio minuto depois desapareceu, como por feliz encanto, o nosso impagavel Gomes....

São cousas que acontecessem, como dizia o outro!

(Continua.)



**Fogo de artifício... e de muito artifício!**

*Por ocasião da passagem de Humayd.*

Os espectadores (em alto): Fôra o fogueteiro! Pôra! A pólvora está molhada! Fiô! Fiô! Fiô!!!...

— Ah, foi por isso que ouvimos aquelle barulho!

— Justamente. Então disse a Domingos: « depressa! vão começar a quobar a louca »! Peters acompanhounos, puxando os cavallos. Tinhamos apenas andado uns vinte passos, quando vimos diante de nós dous fantasmas immoveis, um debaixo da janella, outro em frente á porta da sala em que estaveis. Domingos saccou logo da cinta a sua adaga. Tive calafrios do medo, e para não assistir a scenas tão horribis, disse-lhe a meia voz: « encarrega-te do da porta, que eu conversarei com o da janella. Dons minutos depois, nem sei mesmo como foi! os dous tratantes tinham passaporte para o outro mundo.

— Bravo! exclamou Reinaldo.

— O resto sabeis como foi. Só tenho a agradecer a que se não matasteis tão depressa D. Gaspar e Mathews, eu desmaiava do medo! Palavra de honra!

— És tímido como uma donzella! disse Reinaldo rindo.

#### CAPITULO IX

##### A TODA A BRIDA.

Ao amanhecer haviam os fugitivos chegado a uma moita perdida na extensa campina. Parádo; os cavallos estavam esbafados. Sendo o caminho deserto, resolverão descansar ali até á noite. D. Gaspar e Mathews mortos, que mais não podiam receber?

Quando começou a descehir o sol, Carquefou, que rondava sempre na franja da moita, viu um longo um cavalleiro a galope, Trepon n'uma arvore, para ver melhor e gritou:

— Com a breca! E' Peters!

O cavalló espumando de cansaço, estava diante d'elle. E Peters bradou:

— A caminho! depressa! Os bandidos ahí vêm!

Carquefou e Domingos trataram immediatamente de apertar as silhas dos cinco cavallos. Reinaldo, Armando e Adriana, preparádo-se n'um abrir e fechar de olhos.

— Fillos que vem! disse Peters. Parti!

— Queres vir connosco? perguntou-lhe Reinaldo.

— Ah, meu senhor! Eu que vos poderia ser útil um pobre diabo molhu e carenda como eu? disse Peters tristemente.

Os cinco fugitivos puládo sobre os cavallos. Uma nuvem de poeira aproximava-se com rapidez, seguindo o leito da estrada em direcção á moita.

Do repente no meio da poeira brilha uma luz e qua-

tro ou cinco bolas assobiádo no ar. Peters deu um grito e cahiu. Uma bola havia-lhe batido em cheio no peito. Armando quiz aprear-se. Peters, com um gesto, dissuadio-o disso.

— Posso por acaso prestar-te ainda algum serviço? perguntou Armando commovido.

Peters respondeu com voz sumida:

— E' tarde! sinto que vou morrer. Pensei alguma vezes no infeliz carcundá! Eis quanto vos peço.

— Morre em paz! Nós te vingaremos! disse Reinaldo com os olhos rezos de lagrimas.

Breve os fugitivos alcançádo a extremidade da moita. Os bandidos passádo diante de Peters agonisante, e redobrádo de celeridade.

Reinaldo deixou-se ficar atraz, conservando-se a pequena distancia do seu amigo. Por vãos voltava-se para ver em que distancia vinhão os bandidos e murmurava:

— São apenas sete ou oito! Ah, se a Sra. do Sauvigny não viesse connosco, que bonita rescada vão haveria!

E cada vez demorava mais o galope d'esse ginete, afastando-se assim de Armando.

Carquefou seguio-a de perto.

— Se não chegar a perder sento uma perna ou mesmo ambos, bom será! dizia elle.

A luz, surgindo no horizonte, clareava a estrada. De repente, Reinaldo agarrando, no braço do Carquefou, bradou: « Olha! » e com o dedo mostrou uma sombra escura que se aproximava.

— O que é? perguntou Carquefou.

— Não vós aquelle cavalleiro que corre com a rapidez do vento?

— Sim! Meu Deus, como é alto!

— Ah, se não tivesse matado com minhas proprias mãos o tal Mathews, julgaria que era elle!

Carquefou tremeu dos pés á cabeça o articulou com voz sumida:

— Se não é elle, é então seu phantasma!

A sombra escura aproximava-se cada vez mais; porém seu cavallo, já muito cansado, tropeçou o cahiu; quiz levantar-se e tornou a cahir.

— Adeus, fantasma! exclamou Carquefou cobrando animo.

Armando, Adriana e Domingos haviam-se adiantado muito. Seus cavallos resfolgádo galopávo com ardor. Os bandidos tinham-se dispersado como um bando de perdizes; vinhão alguns muito longe, outros mais per-

to, outros proximos ao cavalloio escuro, cujo cavallo ahevava do cahir.

— Lombras-to da velha legon-la do Horacio e dos tres Curiaecos? perguntou Reinaldo a Carquefou.

— Vagamente.

— Pois vou pol-a em pratica, para t'a ensinar bem. Infelizmente só te posso apresentar dous Curiaecos.

Dio isto, Reinaldo deu de rodeas subitamente, e accommetteu com a impetuosidade do raio o bandido que mais se adiantára, e quebrou-lhe a cabeça com um tiro de pistola. O segundo quiz fugir, mas seu cavallo mal podia andar esbofado que estava. Reinaldo tombou-o com facilidade, depois apeando-se a mostrar-lhe um punhal!

— Se confessares tudo, não morrerás!

— Que desejais saber? perguntou o bandido com voz tremula.

— Como se chama aquelle homem, vestido de escuro que com a ponta da espada procura em vão instigar o cavallo.

O bandido olhou para traz, na direcção apontada por Chaufontaine, e disse a meia voz:

— E' nosso chefe, o Sr. Matheus Oriscopp.

— Matheus! Ainda vivo depois da terrivel punhalada que lhe dei?!

— Ah, fui o senhor? O golpe, se bem que dado com mão segura, resvalou sobre o casaco de pelle do bueiro que nosso chefe usa debaixo do gibão. A arma não o feriu senão do leve, mas elle, conhecendo que estava perdido, deixou-se cahir, e fugio-se morto.

— Ah, patife!

— Poupaste-me a vida, devo portanto dar um conselho. Não caíes mais entre as mãos de Matheus Oriscopp. Sois accusado de haver assassinado D. Gaspar. Se vos prenderem, enforcar-vos-hão logo.

— Obrigado.

Pagiers estava vingado, Reinaldo sabia o que desejava saber e Carquefou mostrava desejos de não esperar pelos outros bandidos. Reinaldo pulou a cavallo e instantes

depois achava-se com Carquefou ao lado do Armando.

— Este paiz é insalubre para nós, disse Reinaldo.

— E o Sr. Matheus ressuscitou o vem ao nosso encontro, prosegue Carquefou.

Adriana empallideceu.

Reinaldo disse-lhe:

— Tranquilliso-se, minha senhora, prometti a Matheus meu punhal inteiro; tel-o-ha.

Os fugitivos proseguirão sua jornada até á noite, sem mais incommodo. Mas ao já não erão perseguidos, nem por isso haviam cessado de todo o perigo. Antes de alvorecer, podia Matheus conseguir bons cavallos e mandar seus agentes por todos os lados em busca delles. Reinaldo e Armando não estavam mais em França. As terras de Pandres erao propriedade do imperador d'Altemanha. Era, portanto mister, procurar não cahir nas garros da justiça. Os cinco cavalleiros moddário cinco ou seis vezes do caminho, andário toda a noite e chegarão por fim debaixo dos muros de uma grande cidade cujas portas se abrio.

Uma pinha de camponezes e do bofarinheiros, conduzindo carretas e animaes carregados de legumas, acovelavão-se na estrada e entravão ruidosamente por largas portas abertas em grossas muralhas.

— Entremos com elles, disse Carquefou; assim sabemos onde estamos. Demais sempre pensei que a gente se podia mais facilmente occultar no meio de uma multidão do que n'um deserto. N'uma varzea, não vejo uma arvore que não me pareça ser um facci-nora!

— Entremos! disse Armando.

O joven De La Guorche olhava de soslaio para Adriana, que se fingia calma.

Reinaldo bateu-lho no braço e mostrou silenciosamente um grande brazão, collocado sobre a porte principal, e no qual se vião, gravadas na pedra, duas mãos cortadas. A cidade era Antuerpia.

— Ao port, sem detença! disse Armando.

(Continúa).

## MUITA ATENÇÃO!!!

O escriptorio da VIDA FLUMINENSE muda-se brevemente para a Rua do Ouvidor, N. 52, primeiro andar.

Rio de Janeiro. — Typographia e Lith. do Ed. Reusburg, rua de S. Antonio, 29.